

**“A FORMIGA ABATEU O LEÃO”.
A TRÁGICA MORTE DO REI RICARDO PLANTAGENETA.**

Marcio Felipe Almeida da Silva¹

RESUMO

Pretendemos, com este trabalho, abrir espaço para as discussões a respeito da morte de Ricardo I da Inglaterra, conhecido como “o Coração de Leão”. Embora este personagem seja muito popular na literatura europeia, no Brasil pouco pesquisadores se aventuram a explorar sua biografia. Por esta razão, gostaríamos de familiarizar os leitores com a história de Ricardo I, o universo da Terceira Cruzada, e a participação da Coroa inglesa nesta expedição. Para compreender todo o processo que levou à morte do rei da Inglaterra durante o cerco do Castelo de Châlus, será necessário entender como a morte era imaginada nos tempos medievais, levando em consideração que os textos utilizados como fontes foram produzidos por clérigos ingleses contemporâneos aos fatos.

Palavras-chave: Cruzada; Inglaterra; morte.

ABSTRACT

We intend, with this work, open space for discussions about the death of Richard I of England, known as "the Lionheart". Although this character is very popular in European literature, in Brazil few researchers venture to explore his biography. For this reason, we would like to familiarize the readers with the story of Richard I, the universe of the Third Crusade, and the participation of the English Crown in this expedition. To understand the process that led to the death of the King of England during the siege of Châlus Castle, will be necessary to understand how death was imagined in medieval times, taking into account that the texts used as sources were produced by contemporary English clergy to the facts.

Keywords: Crusaders; England; Death.

¹ Doutorando em História Medieval pela Universidade Federal Fluminense. Professor dos cursos de licenciatura em História e em Pedagogia do UNIABEU – Centro Universitário.

I – Ricardo I na historiografia e nas Crônicas medievais.

Ricardo I da Inglaterra, conhecido como o Coração de Leão, atualmente não é um dos reis mais populares entre os medievalistas. Embora tenha sido famoso por sua participação na terceira cruzada e pelas batalhas travadas contra Saladino, pouquíssimos trabalhos dedicam-se a explorar o universo guerreiro deste que podemos considerar um dos governantes mais extraordinários do século XII e certamente um dos mais importantes da história europeia.

Não é nada fácil a tarefa de pesquisar a conturbada vida de Ricardo I, uma vez que poucos trabalhos biográficos foram publicados acerca desta temática. Atualmente, duas publicações de autores franceses têm sido consideradas como o ponto de partida para o estudo do monarca, *Richard Cœur de Lion, le Grand livre du mois* (1995), de Regine Pernoud, e *Ricardo Corazón de León, el rey cruzado* (2002), de Jean Flori. Contudo, em nosso país, as únicas biografias traduzidas para o português foram *Os Guerreiros de Deus*, do autor americano James Reston Jr., e *Ricardo Coração de Leão: História e Lenda*, que pretendemos descrever mais à frente. Embora seja um trabalho inovador, a biografia escrita por Reston Jr. tem como proposta dividir o protagonismo da terceira cruzada entre Ricardo e Saladino, constituindo assim uma dupla biografia. Por esta razão, para entender melhor a construção deste enigmático personagem, tivemos de buscar informações em publicações variadas sobre o medievo, que acabam esbarrando no rei inglês ao descrever as Cruzadas ou mesmo as hostilidades entre Plantagenetas e Capetos, que foram o marco principal do século XII.

Como neste trabalho pretendemos conceder uma atenção especial à morte do rei Ricardo Plantageneta, nos concentraremos na análise das fontes contidas na obra *Ricardo Coração de Leão: História e Lenda*. Nesta publicação Michele Brossard-Dandré e Gisele Besson expõem traduções de crônicas inglesas contemporâneas ao rei, que narram suas proezas pela Sicília, Chipre e Jerusalém, bem como seu cativeiro na Áustria e sua morte frente ao castelo Châlus, na França. Dos cronistas expostos na obra, utilizaremos principalmente Rogério de Hodoven, Raul de Coggeshall e Geraldo de Barri, todos clérigos ingleses contemporâneos do rei. Seus registros, compilados de forma voluntária, não deixaram de expressar algum tipo de juízo de valor sobre os Plantagenetas, certamente influenciados pela visão eclesiástica contra uma família que possuía um comportamento fora das normas morais estabelecidas pelo clero.

O primeiro dos cronistas citados, um erudito da corte de Henrique II, Rogério de Hoveden, teve o cuidado de manter uma neutralidade em sua narrativa, evitando algum tipo de julgamento ou comentário áspero à pessoa do rei. Entretanto, esta mesma cautela faltou ao abade Raul de Goggeshall, autor da *Chronicon Anglicanum*. Diferente de Hoveden, Raul de Goggeshall expõe o monarca inglês como um personagem que nutria um particular desprezo pelas prescrições eclesiásticas, como a Trégua de Deus, que supostamente proibia o uso de armas durante as festas religiosas. Ainda assim, o abade de Goggeshall fora um homem fortemente impressionado pela personalidade do monarca e por seus feitos guerreiros nas Cruzadas e diante da morte em Châlus.

Segundo esta mesma linha, Geraldo de Barri, preocupou-se em descrever como Deus utilizou-se do príncipe Ricardo para punir os pecados de Henrique II, e após a coroação, o príncipe também por seus pecados cai em desgraça. Extremamente ligado à corte dos Plantagenetas, Geraldo de Barri, se converteria, nos anos finais de sua vida, em um dos mais ferozes adversários dos reis da Inglaterra, após ver frustradas suas pretensões ao bispado galês de Saint David (BESSON & BROSSARD-DANDRÉ, 1993).

Mesmo que os relatos dos três cronistas não tenham escondido suas críticas pessoais à Coroa inglesa, em ambas narrativas Ricardo ocupará o papel central das discussões, pois, se de um lado seu comportamento suscitava reprovações, de outro lado, os autores eram ingleses e, como tal, “têm muito orgulho de seu rei a partir do momento em que ele se torna seu rei” (BESSON & BROSSARD-DANDRÉ, 1993, p. 5).

II – A fina flor da cavalaria.

Antes de passarmos às narrativas da morte do rei Ricardo I nas fontes literárias, devemos primeiramente descrever quem foi o personagem que tanto fascinou os cronistas ingleses. Conforme destacaram Dandre & Besson, para estes autores:

Os reis não têm infância. Só há registros sobre o nascimento de Ricardo, e o mesmo acontece, aliás, a respeito de seus irmãos e irmãs. Até 1173, ele aparece brevemente nas crônicas como um simples peão no xadrez político de seu pai, Henrique II(...) A impressão que se tem a partir dos cronistas ingleses é de que até os trinta anos, Ricardo era apenas um coadjuvante da história inglesa (BESSON & BROSSARD-DANDRÉ, 1993, pp. 1-2).

O pouco que sabemos sobre a infância do rei é que ele nasceu no ano de 1157 e passou grande parte da sua juventude na França, nas terras que pertenciam a sua mãe, em Aquitânia. Para Jean Flori (2008), Ricardo descendia de uma família fora dos padrões. Sua mãe, Leonor, que já havia sido casada com o rei Luís da França, esteve envolvida em diversos conflitos contra seu último marido, o rei Henrique II, resultando na sua prisão por dezesseis anos. Quanto a seu pai, adquiriu má reputação através de seus numerosos casos públicos de infidelidade e das constantes rebeliões arquitetadas por seus filhos.

Embora tenha adquirido fama por sua ferocidade nos combates que travou pela França, o príncipe Ricardo não estava destinado ao trono inglês. Foi apenas com a morte de seu irmão Henrique, o jovem, acometido por uma enfermidade durante uma rebelião, que Ricardo torna-se então o herdeiro legítimo de Henrique II, a contra gosto de seu pai. Segundo James Reston Jr., “se ele (Ricardo) era o filho que Eleanor mais amava, era o que Henrique mais desprezava, provavelmente por ser o mais desafiador, o de mais estofo de rei, o mais formidável, o mais parecido com o próprio Henrique” (2002, p. 81). Além disso, Ricardo vivia em Poitiers com a mãe e raramente se encontrava com pai, que, devido ao desprezo que tinham um pelo outro, tentaria pelos anos seguintes privá-lo da coroa em favor do filho caçula, o príncipe João.

Em 1189, o novo rei da França, Felipe Augusto, contando com o apoio de Ricardo, atacou Henrique II em sua terra natal, Le Mans, obrigando o monarca a se retirar para Chinon, onde, à beira da morte, proclamou Ricardo como seu sucessor, após ser abandonado por seus cavaleiros mais próximos. O cronista Geraldo de Barri relatou a vergonha e humilhação de Henrique II nos seus últimos momentos:

Agonizou em meio a um dilúvio verbal, repetindo e ruminando palavras que arrancavam a seus pensamentos moribundos a violência do mal, mas também a dor e a indignação. Entre tudo o que oprimia seu coração, sua boca não parava de dizer: ‘vergonha, vergonha sobre o rei vencido’. Ao final, em meio a tais lamentações, chantede sua própria humilhação, ele expirou. Pereceu sufocado e oprimido, (...) Esse fim nos mostra claramente que, quanto mais alguém se eleva aos cumes da prosperidade, mais brutalmente se precipita no abismo (BARRI *in* BESSON & BROSSARD-DANDRÉ, 1993, p. 37).

Com a morte de Henrique II, um dos príncipes mais poderosos do Ocidente, Ricardo foi coroado no mesmo ano na Abadia de Westminster. Enquanto James Reston Jr. acredita que os ingleses preparavam-se para receber “a fina flor da cavalaria”, cuja palavra tem uma verdade que vem do coração” (2002, p. 115), Brossard-Dandré defendem que “para os ingleses, ele era quase um desconhecido” (1993, p. 2). Não possuía nada de inglês, era um normando que cresceu na França e se comportava como francês. Não falava uma palavra de inglês e tinha completo desprezo por homens da Inglaterra (WILLIAMS, 2007). Para o ele, a Inglaterra era secundária, e servia apenas para levantar fundos nos períodos de campanhas militares (RESTON Jr., 2002). Dos dez anos que duraram seu reinado, não passou mais do que um ano na Inglaterra, razão pela qual os cronistas o julgam como um péssimo rei, mais preocupado com aventuras cavaleirescas do que com o próprio reino (FLORI, 2008).

Certamente a maior das aventuras cavaleirescas de Ricardo Coração de Leão, aquela que seria consagrada como arcabouço central de suas crônicas, foi a Terceira Cruzada. Em 1187, dois anos antes de ser coroado, Ricardo já havia sido o primeiro príncipe europeu a tomar a cruz. Mas, foi somente em 1189 que Ricardo possuiu o poder necessário para chefiar uma grande expedição a Terra Santa. Segundo Paul Read (2001), naquele período havia grande entusiasmo popular para uma nova Cruzada, os cistercienses incentivavam a “guerra justa” (*bellum justum*) nos moldes propostos por Bernardo de Clairvaux. A derrota de das tropas cristãs em Hattin e a perda do reino de Jerusalém para Saladino em 1187, fizeram ressurgir o espírito cruzado e o modelo de guerra justa que havia se esgotado com o fim da Primeira Cruzada em 1095. Para Christopher Tyerman, “a reação à perda de Jerusalém e à maior parte do Outremer reinventou a cruzada” (2010, p. 435).

A Terceira Cruzada se caracterizaria como uma expedição liderada, a princípio, pelos três maiores soberanos ocidentais, Frederico Barba Roxa, que se afogou na Anatólia antes de chegar a Jerusalém, Ricardo da Inglaterra e Felipe Augusto da França. Segundo Hilário Franco Jr., a Terceira Cruzada “sofria, contudo, da mesma debilidade das anteriores: falta de um comando único e de um planejamento global. Mais uma vez cada exército seguia caminhos diferentes e já chegava ao Oriente Médio militarmente desgastado e com o espírito cruzadístico enfraquecido” (1999, p. 38).

Somente com o retorno de Felipe para França, devido às frequentes desavenças com Ricardo, que a Cruzada passou a ser conduzida por um único líder. Sob o comando do Coração de Leão, os cristãos obtiveram grandes vitórias no Oriente, como a conquista de Acre, marcada pelo massacre dos 2.700 prisioneiros e a batalha de Arsuf, que foi a primeira derrota de Saladino em combate direto desde Hattin. Segundo Paul Willians (2007), neste duelo de titãs, Ricardo havia retirado a aura de invencibilidade de Saladino, em outras palavras, o Coração de Leão havia provado que Saladino podia ser vencido.

Para alguns autores, a Cruzada de Ricardo Coração de Leão constituiu um grande fracasso. Pois, ao seu término a cidade de Jerusalém seria perdida para sempre pelos cristãos. Em 1192, a ordem de retirada, quando as tropas cristãs estavam a apenas vinte quilômetros de Jerusalém, foi considerada uma grande falha estratégica do rei da Inglaterra. Contudo, mesmo tendo enfraquecido as hostes de Saladino, nenhum dos dois exércitos era grande o bastante para dizimar o outro, fator que havia transformado a guerra em um combate de escaramuças com êxitos variáveis (RUNCIMAN, 2003). Além disso, ambos os líderes tinham motivos de sobra para quererem o fim dos conflitos, por isso:

Em 2 de setembro de 1193, foi concluída uma trégua que deveria durar três anos; Ascalon, que estava praticamente demolida, foi entregue a Saladino, mas os francos conservaram a costa marítima de Tiro a Jaffa, e a liberdade de peregrinação foi garantida a todos os cristãos que se dirigissem a Jerusalém, do mesmo modo que a todos os muçulmanos que se dirigissem a Meca (...) O *status quo* estabelecido pela intervenção da Terceira Cruzada iria durar ainda quase um século (MORRISSON, 2009, p. 57).

Para Hilário Franco Jr. (1999), embora tenha obtido grandes vitórias, Ricardo não soube explorar convenientemente os resultados das batalhas, por esta razão, preferiu fazer um acordo com Saladino a prosseguir com a guerra. Porém, além de ter que lidar com uma grande carência de homens, dinheiro e navios, longe da Terra Santa a situação era extremamente desfavorável para o Coração de Leão, pois enquanto ele combatia nas Cruzadas seu irmão, o príncipe João, cada vez mais usurpava sua autoridade na Inglaterra, e Felipe da França vinha ameaçando os domínios ingleses em Aquitânia, como justifica Jacques Le Goff:

Mesmo nos reinos bem organizados da Inglaterra e França, deixado em mãos de regentes com autoridade e experiência, o afastamento dos reis criou um sentimento de inquietação, que favoreceu ambições e emoções irracionais. Foi o caso de Ricardo Coração de Leão (2006, p. 409).

Com o fim da Terceira Cruzada, o soberano retornou à Europa, mas não encontrou uma recepção de herói como era esperada. Depois de um naufrágio próximo a Veneza, ele foi capturado por Leopoldo da Áustria e entregue ao imperador Henrique VI, do Sacro Império, onde permaneceu como cativo por um ano até o pagamento de um gigantesco resgate e a promessa de vassalagem, descritos com clareza por Raul de Diceto:

O resgate do rei da Inglaterra (Ricardo) foi de cem mil libras de prata avaliadas ao peso oficial da moeda da colônia. Foi marcada uma data para a entrega do dinheiro e cinquenta reféns eminentes foram dados como garantia. (...) As igrejas e paróquias enviaram os grandes tesouros que haviam reunido desde os tempos antigos: seus cálices de prata. Além disso, decidiu-se por um acordo unânime que os arcebispos, os bispos, os barões entregariam um quarto de seu rendimento de um ano, os monges cistercienses, os cônegos agostinianos, toda lã de um ano, os clérigos que recebiam dízimo, a décima parte de seu rendimento (DICETO *in* BESSON & BROSSARD-DANDRÉ, 1993, p. 233).

Para Tyerman, essa foi uma das grandes ironias do fim da Terceira Cruzada, “foi um destino extraordinário para o mais famoso guerreiro cristão de sua época” (2010, p. 544). Contudo, mais extraordinária do que a prisão de Ricardo, foi sua morte prematura durante o cerco do Castelo Châlus. Após ser posto em liberdade, Ricardo passou os cinco anos seguintes em uma guerra intermitente contra Felipe Augusto e seus vassalos rebeldes, que teve como resultado um ferimento letal causado por uma seta disparada de uma besta do alto da muralha. Após confessar seus pecados e receber os últimos sacramentos, o rei morreu em 6 de abril, aos quarenta anos de idade e sem herdeiros.

III – A formiga abateu o leão.

Para Michael Markowsky (1997), Ricardo foi um mau cruzado que nada teve de herói, e sua morte foi o resultado de sua busca implacável pelo combate *mano a mano*. A crítica feita por Markowsky acaba por complementar o desconforto que o cronista Raul de Coggeshall deixa transparecer ao narrar este episódio:

É preciso dizer brevemente à posterioridade como e em que lugar ele (Ricardo) deixou esta vida, mas não convém que seja um relato demorado, pois o lugar em que tombou nada tem que o torne célebre, e Ricardo não foi abatido em plena batalha por uma tropa inimiga, conforme merecia rei tão belicoso (COGGSHALL *in* BESSON & BROSSARD-DANDRÉ, 1993, p. 249).

Sabe-se que, durante o ápice da cavalaria medieval, as armas de arremesso ganharam uma reputação ignóbil, uma vez que disparadas a longa distância evitavam o confronto direto. Além do mais, o que se esperava de Ricardo é que tombasse em uma batalha nos moldes da ética cavaleiresca, onde a glória era alcançada com belos golpes de lanças e espadas, ao invés de sucumbir em “uma briguinha desagradável, abaixo da dignidade de um grande rei, e indigna do risco que implicava” (RESTON Jr., 2002, p. 359). Por isso, o já citado Jean Florri (2008) acredita que Ricardo Coração de Leão encontrou o seu fim como um guerreiro, mas não como um cavaleiro.

A crítica à imprudência de Coração de Leão nos combates já pairava entre seus contemporâneos, mas o fato é que, após quase dez anos de um reinado repleto de batalhas vitoriosas, ele provavelmente sustentava uma fama que por si só já seria suficiente para amedrontar seus adversários. Se pensarmos na atividade guerreira durante a Idade Média, nos moldes propostos por Marc Bloch (1982), veremos que a guerra representava uma razão de viver e um remédio para o tédio cotidiano. O cavaleiro, habituado a não temer o perigo, fazia da audácia e do desprezo pela morte suas principais características.

Embora a historiografia, e principalmente a dramaturgia, tentem fazer da morte de Ricardo um espetáculo público e quase teatral, onde o rei sucumbe bravamente defendendo os domínios Plantagenetas, as fontes sugerem que Ricardo fora ferido por conta de um descuido. Na versão de Rogério de Hoveden, o rei havia encontrado na fortaleza de Châlus cavaleiros e homens de armas capazes de defendê-la, sendo ferido no momento em que analisava por onde deveria iniciar um ataque:

O rei da Inglaterra e Mercadier iam e vinham dando voltas em torno do castelo para localizar onde será mais cômodo atacar, quando um besteiro Bertrand de Gurdun atirou uma seta do castelo e, atingindo o rei no braço, fez-lhe um ferimento que não se curaria (HOVEDEN *in* BESSON & BROSSARD-DANDRÉ, 1993, p. 252).

Diferente da versão de Hoveden, Raul de Coggeshall narra que, após estabelecer o cerco, Ricardo atacou “sem piedade” por três dias uma pequena guarnição formada por servidores do visconde de Limoges. Segundo Coggeshall:

O próprio rei comandava o ataque com seus besteiros enquanto os outros soldados trabalhavam na sapa, e não havia homem que ousasse aparecer sobre os muros e tentasse reagir (...). Na noite do segundo dia, que era o dia seguinte da anunciação da Bem-aventurada Maria, depois da refeição, o rei aproximou-se sem temor do castelo, com seus companheiros; estava sem armadura e trazia apenas um capacete de ferro(...). De repente chegou um homem de armas que passara todo o dia, até o jantar, numa vigia do castelo: fora alvo de todas as flechas, mas nenhuma o ferira, pois ele se protegia com uma frigideira(...) voltando imprevisivelmente ao seu posto, armou sua balestra e lançou vigorosamente uma seta sobre o rei, que o observara aplaudindo. Atingiu o rei o sobre o ombro esquerdo, perto das vértebras do pescoço...(COGGSHALL *in* BESSON & BROSSARD-DANDRÉ, 1993, p. 250).

Desde os tempos de Marc Bloch, se insistia que um nobre cavaleiro utilizaria necessariamente uma panóplia composta por elementos ofensivos (espada e lança) e elementos defensivos (Elmo, cota de malha e um escudo triangular ou redondo). A ausência destes elementos põem em xeque as hipóteses de que Ricardo fora ferido em um combate ao melhor estilo da cavalaria. Vale a pena lembrar que todo o aparato defensivo ignorado pelo rei na versão de Coggeshall possibilitava ao cavaleiro a tentativa de sair ileso de uma batalha, ainda mais em um cerco, onde os sitiados contavam com uma arma capaz de lançar flechas com grande poder de penetração como a besta, responsável pelo ferimento mortal de Coração de Leão.

Como podemos observar em ambos os relatos, as fontes não são precisas quanto ao lugar em que o rei foi alvejado ou mesmo quanto ao seu assassino. Enquanto Coggeshall esconde a identidade do agressor, contentando-se apenas em mencionar sua baixeza ao proteger-se com uma frigideira, Hoveden, não só nomeia o besteiro, como relata seu encontro com o rei Ricardo.

Ao compreender que estava perdido, o rei legou a seu irmão João o reino da Inglaterra e todas as outras terras, fez com que os que estavam presentes lhe jurassem fidelidade e ordenou que lhe fossem entregues seus castelos (...). Em seguida, mandou chamar Bertrand de Gurdun, que o ferira, e disse: “Que mal lhe fiz para que você me faça morrer?” (HOVEDEN *in* BESSON & BROSSARD-DANDRÉ, 1993, p. 253).

O espanto do rei, ou do seu cronista, ao fazer esta pergunta, justifica-se pelo fato de que no medievo as mortes de cavaleiros eram incomuns, uma vez que estavam “cobertos de ferro” e protegidos por um código de ética que fazia da captura de cavaleiros uma importante fonte de lucro, como confirma Franco Cardini:

Na guerra de cavaleiros, de breves combates travados em campo aberto, de longos sítios mantidos até o entorpecimento dos participantes, quase não se morria. A ordem de cavalaria era no fundo uma espécie de internacional guerreira que permitia aos membros se reconhecerem como irmãos de armas. Em vez de matar, o cavaleiro procurava derrubar o adversário da sela com um golpe de lança bem desferido, a fim de poder em seguida fazê-lo prisioneiro e obter o resgate apropriado (2006, p. 483).

Entre os cronistas, mesmo aqueles que não estão de acordo que fora Bertrand Gurdun o responsável pelo disparo, existiu uma tentativa clara de enfatizar que o assassino de Ricardo não tinha posição ou *status* social para por fim a vida de um rei, pois, como mencionamos anteriormente que, para Coggsall, este fora um homem de armas que se protegia com uma frigideira. Na crônica de Rogério de Hoveden apenas uma metáfora bastou para explicar a desigualdade entre os combatentes: a “Formiga abateu Leão!” (HOVEDEN *in* BESSON & BROSSARD-DANDRÉ, 1993, p. 254).

Nos documentos do Ocidente Medieval, a morte assumirá um papel fundamental para a sobrevivência da memória e da manutenção da fama do cavaleiro morto. Para Phillippe Ariès (1977), em geral a documentação representará a morte em três atos, percebidos claramente nas crônicas acerca da morte de Coração de Leão. O primeiro deles seria o “lamento da vida”, uma evocação triste e discreta do personagem ressaltado, cujo melhor exemplo a citar é certamente uma lamentação anônima feita após a morte do Coração de Leão:

Ó, Morte! Ó dura Morte!(...) Conheces bem esse homem que nos leva? Do astro da manhã ele tinha o olhar, o ouvido só doçura e o espírito elevado. (...) Que magnífico homem nos foi arrancado, chefe guerreiro, glorioso soberano, maravilha do mundo, em tudo insuperável, (...) Retira da tumba esse soberano glorioso, devolve-nos o grande rei, ou um igual então! (...) Os cruéis inimigos de nossa Santa Cruz, os que ele enfrentou e fez temer seu massacre, tremem ainda, é fato, à simples menção de Ricardo, que hoje a pálido fantasma se reduz (ANÔNIMO *in* BESSON & BROSSARD-DANDRÉ, 1993, p. 256).

Tendo em vista que a morte no medievo era uma cerimônia pública e organizada, conforme destacou Aries, “o lamento da vida” viria seguido do perdão aos adversários e da escolha do local da sepultura. Por esta razão, nas crônicas utilizadas aqui, Ricardo, ao saber que estava condenado, teria supostamente enviado uma carta chamando sua mãe, que estava em Fontevrault, para presenciar seus últimos momentos. Na versão de Rogério de Hoveden, há mais evidências que podem conformar a tese de Philippe Ariès. De acordo com o cronista, após Ricardo ter dito para seu assassino “eu o perdoo por ter me matado” (ANÔNIMO *in* BESSON & BROSSARD-DANDRÉ, 1993, p. 253), o rei ordenou que seu cérebro e suas entranhas fossem levadas a Charroux, seu coração a Rouen e seu corpo a Fontevrault, para ser enterrado junto ao pai. Não nos espanta o fato dos restos mortais do Coração de Leão terem sido preservados na França e não na Inglaterra, uma vez que o centro de poder do império Plantageneta se localizava naquela região.

Ainda na tese de Ariès, o segundo ato, chamado pelo autor de “Liberá”, se refere a um procedimento religioso envolvendo a absolvição sacramental do moribundo. O recebimento deste perdão (*in extremis*) era a garantia, na mentalidade medieval, de uma sensação de segurança nos últimos momentos de vida, tendo em vista que a morte na Idade Média, como insistiu Jacques Le Goff (2008), podia ser mais maciça e misteriosa do que nos dias de hoje, já que se morria muito mais jovem e muito mais rapidamente nestes tempos. No caso do rei Ricardo, mesmo ressaltando que o monarca havia se desviado do bom caminho, Coggeshall acredita que através da confissão e do arrependimento os “atos de piedade (do rei) compensam suas más ações e lhes valerão (...) grande atenuação de seu castigo (...), pois, como a água apaga o fogo, a esmola apaga o pecado” (COGGESHALL *in* BESSON & BROSSARD-DANDRÉ, 1993, p. 279).

Para Ariès, o ato final seria a “espera pela morte” que o moribundo realizava no seu leito, logo após a tomada de consciência de que ela não tardaria a chegar. De acordo com as fontes, entre o ferimento e o óbito, Ricardo passou aproximadamente dez dias agonizando em estado febril. O processo de retirada da flecha havia sido extremamente doloroso, o médico que o atendera, conseguira extrair apenas a madeira, enquanto a ponta de ferro da flecha permanecera dentro da ferida. Para retirá-la o médico, chamado de açougueiro por Hoveden, teve que cortar de qualquer

maneira todo o braço do rei. Foi justamente neste momento de espera pela morte que Coração de Leão legou ao príncipe João, o reino da Inglaterra. Embora Philippe Ariès tenha defendido que uma das características da “espera pela morte” nas fontes documentais tenha sido o silêncio, as narrativas de Geraldo de Bari fazem alusão aos tormentos que o rei sofrera durante esta espera: “Nosso leão, que é mais do que um leão, vê-se atormentado, como os leões, pela febre quartã. Treme constantemente – mas não de medo – e seus tremores fazem tremer – de medo – o mundo (BARI *in* BESSON & BROSSARD-DANDRÉ, 1993, p. 281).

Como era de se esperar, devido à imersão dos cronistas na esfera religiosa, o sofrimento de Ricardo assumirá as características de uma expressão do castigo divino, um verdadeiro *ordálio*. Tanto que, para Hoveden, Ricardo foi “abatido brutalmente pela vingança divina” (HOVEDEN *in* BESSON & BROSSARD-DANDRÉ, 1993, p. 249). Esta afirmação do cronista tem a ver com o fato do cerco de Châlus ser efetuado durante o período da Quaresma, onde as prescrições eclesiásticas da “Trégua de Deus” limitavam o uso das armas. Embora tenha sido constantemente defendido que este processo tenha proibido a guerra durante a Quaresma, acreditamos que na verdade ele apenas tentava minimizar seus efeitos. Pois, segundo Franco Cardini, “Parece, aliás, que as interdições eclesiásticas, com seus motivos éticos e humanitários, jamais foram verdadeiramente respeitadas” (2006, p. 483).

Por fim, esperamos que com este breve trabalho tenhamos conseguido explicitar o papel de Ricardo Coração de Leão durante o século XII, bem como a visão que os cronistas tiveram não só de sua morte, mas também de sua vida. Escrever a História de Ricardo Plantageneta é um desafio constante, pois, além de contornar a ausência de fontes, precisamos investigá-las minuciosamente, já que as fontes, muitas vezes, entram em desacordo, principalmente nos episódios finais da epopeia de Ricardo Coração de Leão. Acreditamos também que este pequeno texto poderá contribuir para despertar o interesse de outros pesquisadores pelos temas relacionados à dinastia dos Plantagenetas.

Bibliografia

ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BESSION, Gisèle & BROSSARD-DANDRÉ, Michèle. *Ricardo Coração de Leão: História e lenda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BLOCH, Marc. *A Sociedade feudal*. Lisboa: Edições 70, 1982.

CARDINI, Franco. Guerra e Cruzada. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2006.

FLORI, Jean. *Ricardo Corazón de León: el Rey cruzado*. Barcelona: Edhasa, 2008.

FRANCO Jr., Hilário. *As Cruzadas: guerra santa entre Ocidente e Oriente*. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LE GOFF, Jacques. Rei. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2006.

MARKOWSKI, Michael. Richard Lionheart: bad king, bad crusader? In: *Journal of Medieval History*, Vol.23, No.4, pp. 351-365, 1997.

MORRISSON, Cécile. *Cruzadas*. Porto Alegre: L&M, 2009.

READ, Piers Paul. *Os Templários*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

RESTON JR. JAMES. Guerreiros de Deus: *Ricardo Coração de Leão e Saladino na Terceira Cruzada*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

TYERMAN, Christopher. *A guerra de Deus*. Rio de Janeiro: Imago, 2010.

WILIAMS, Paul L. *O guia completo das Cruzadas*. São Paulo: Madras, 2007.

Recebido em 30 de outubro de 2014.

Aceito em 26 de dezembro de 2014.